



Quilombos da Amazônia: Práticas Tradicionais
das Folias de Santos no Município de Óbidos – PA
(1947 – 2017)

Quilombos of the Amazon: Traditional Practices of
the Folias de Santo in the Municipality of Óbidos –
PA (1947 – 2017)

TAVARES, Leandro de Castro¹

OLIVEIRA, Oseias de²

Resumo: Este artigo tem como proposta mostrar partes das análises realizadas sobre as folias de santo nas áreas remanescentes de quilombo no Município de Óbidos.³ Desse modo, enfatiza algumas proposições ao que se correlacionam às folias, vistas como traço étnico da cultura afro-brasileira em Óbidos no Estado do Pará, bem como sobre dispersões dos escravos para a formação das áreas remanescentes de quilombos no referido município e por fim, enfatizar de forma descritiva cantos ou folias e ladainha das Folias de santo, partindo da proposição que se refere à influência das práticas de

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro. E-mail: tavaresleo23@gmail.com.

² Professor Adjunto, Departamento de História (Irati-PR) e Programa de Pós-Graduação em História, Unicentro-PR. E-mail: Oseias50@yahoo.com.br.

³ Óbidos é uma cidade histórica com 321 anos, está localizado no extremo norte do Brasil, na Região Oeste do Estado do Pará e está situada às margens esquerda do Rio Amazonas. É o local considerado mais estreito e mais profundo do Rio Amazonas.

Recebido em: 07/08/2018
Aprovado em: 04/09/2018

tradição na escrita da História. A metodologia empregada foi análise das ladainhas e cantos obtidos por meio de entrevistas durante o trabalho de campo, no momento da Folia de São Tomé em Óbidos.

Palavras-Chave: Folias; Quilombos; Tradições; História.

Abstract: This article intends to show parts of the analyzes carried out on the folias de santo in the remaining quilombo areas in the Municipality of Óbidos. In this way, it emphasizes some propositions to which folias correlate, seen as an ethnic trait of the Afro-Brazilian culture in Obidos in the State of Pará, as well as on dispersions of the slaves for the formation of the remaining areas of quilombos in the mentioned municipality and finally, emphasizing in a descriptive way the songs or folias and litany of Folias de santo, starting from the proposition that refers to the influence of the practices of tradition, in the writing of History. The methodology used was the analysis of the litanies and songs obtained through interviews during field work, at the moment of Folia de São Tomé, in Óbidos.

Keywords: Folias; Quilombos; Traditions; History.

Introdução

Para analisar o tema da cultura afro-brasileira deve-se levar em consideração a sua relação como produto e resultado de todo um processo histórico,⁴ o qual teve como sujeitos sociais, ancestrais do outro lado do Atlântico, “o Brasil afrodescendente é também agente de sua própria História e de suas práticas culturais, desde a resistência à escravidão até a criação de instituições que, embora surgidas em contextos absolutamente desfavoráveis, subsistem até hoje” (LOPES, 2008, p. 38), umas se fortalecendo cada vez mais, outras se desdobrando em novas e múltiplas facetas.⁵

Nestas proposições entende-se que em um município localizado no Brasil deve haver traços e características de pessoas originárias do Continente Africano. Entretanto, muitas pessoas desconhecem a importância que se deve dar à cultura afro-brasileira.

Constantemente mencionado como país de maior população afrodescendente fora do Continente Africano, o Brasil ainda é bastante carente de informações sobre a História desse lado importante de sua formação e, principalmente, sobre as lutas e realizações dos herdeiros das tradições culturais africanas, do passado até os tempos atuais.⁶

Com as formulações racistas do século XIX ainda ecoando em seus ouvidos e mentes,⁷ boa parte dos afro-brasileiros é acossada pelo incômodo mito da inferioridade africana diante da suposta superioridade dos povos ditos brancos. Diante dessa situação ainda existente no Brasil, Cunha Junior (1998) apresenta um discurso com sólidas

⁴ Por meio de um ensaio a autora SANTOS (2017, p. 29), faz uma excelente abordagem sobre a narrativa dos escravizados.

⁵ Uma discussão mais aprofundada deste tema por ser acompanhada em GOMES (2002, p. 469-499).

⁶ C.f.: Os autores PASSOS & NOGUEIRA (2014, p. 105-124), discutem em uma perspectiva histórica e sociológica as transformações sociais relacionadas ao movimento negro no Brasil. Em relação ao movimento das populações negras entre África e Brasil ver: TALL, (2009, p. 279-281). No texto MENDONÇA (2016, p. 218-241), encontramos uma ótima discussão sobre o tema da presença negra em um município como o de Curitiba (PR).

⁷ O autor MULLINGS (2013, p. 325-375), faz uma pertinente discussão a respeito das manifestações de raça e racismo entre os antropólogos e cientistas sociais.

argumentações, que de certa forma, faz-se chegar a uma reflexão do surgimento base desse pensamento de inferioridade:

Além de sermos uma sociedade forjada na construção de um escravismo criminoso, a abolição foi realizada sem uma ampla revisão de direitos e necessidades da população negra. Ao contrário, as políticas republicanas sempre foram da “negação do Brasil” e da europeização do país. As políticas culturais e educacionais são exemplos importantes deste esforço, onde nós encontramos uma constante “folclorização”, simplismos, desprezo e perseguição à cultura africana e afrodescendente (CUNHA JUNIOR, 1998, p. 7).

A partir dessas concepções,⁸ este artigo tem por objetivo demonstrar a presença e a participação do negro na história de Óbidos, bem como suas práticas tradicionais que em meio às inferências contemporâneas ainda permanecem. Para isso, os tópicos que compõem os textos a seguir demonstram inicialmente as dispersões dos escravos para a formação das áreas remanescentes de quilombo e as folias de santo no município e finaliza descritivamente com as folias ou cantos consideradas como práticas tradicionais nas áreas remanescentes de quilombo em Óbidos no Estado do Pará, já o recorte temporal para a análise da folia de São Tomé foi entre 1947 e 2017.

Dispersões dos escravos para a formação das áreas remanescentes de quilombos e as folias de santo no município de Óbidos

A estratégia de defesa dos escravos em processo de fuga para se direcionar nas matas, após “atravessarem pelos furos de um lago ao outro ou alcançarem os vários braços dos rios através dos paranãs” (FUNES, 2015, p. 21), implicava serem bons conhecedores daqueles espaços, mestres dos rios e das florestas para chegar acima das primeiras cabeceiras em meio ao leito do Igarapé Grande, onde se formaram os mais importantes mocambos do Município de Óbidos. Um aprendizado adquirido, em grande parte, “com os nativos, os indígenas, senhores daqueles territórios; ali, os quilombolas⁹ se tornaram senhores dos rios e das matas” (FUNES, 2015, p. 20). Era necessário esse conhecimento, levando em consideração que no município de Óbidos:

Conhecer o meio ambiente era fundamental para o sucesso das fugas, tendo a natureza como cúmplice. No tempo das cheias, capinzais crescem às margens dos lagos, formando tapagens, obstruindo os igarapés que os interligam entre si e aos rios, dificultando a passagem e camuflando os “caminhos” (FUNES, 2015, p. 21).

O processo de fuga em Óbidos, individual ou coletivo, geralmente ocorria em épocas de festas e, em relação à Amazônia, no período de cheias, dezembro a maio,

⁸ Para a discussão sobre a pertinência do tema na Antropologia e a discussão na Associação Brasileira de Antropologia (ABA) ver: CORRÊA (2011, p. 209-229).

⁹ A discussão aqui visa esclarecer que a pesquisa histórica não se limita a pesquisar somente o passado de uma comunidade, mas procura compreender a percepção que ela tem de si mesma e de seu presente, como vê seu passado e quais suas projeções para o seu futuro. É a partir do entendimento que uma comunidade tem desses elementos constitutivos de seu viver que ela constrói sua identidade como um grupo social específico.

ou junho e julho período que as águas estavam baixando. Nessa região, as festas, em especial as dos ciclos natalino e junino, coincidem com o tempo de inverno e da castanha. Quando ocorriam essas fugas, os senhores divulgavam nos jornais da época, como podem ser encontrados em anúncios como no *Estrella do Amazonas* (1854) e *Baixo Amazonas* (1876). Conforme o primeiro jornal:

No dia 17 de junho próximo passado fugio da Villa de Óbidos de caça de Felisberto José Tavares hum preto de nome Cloudino, escravo do Dr. Felix Gomes do Rego, levando em sua companhia hum outro de nome Amandio, escravo do dito Tavares, sendo aquelle baixo e gordo, e este hum pouco alto e espigado, levando as ferramentas de Pedreiro e de Carpinteiro, não se sabe verdadeiramente onde existem, mas aquelle que os capturar e entregar aos seu Senhores, ou nesta cidade a José Miguel de Lemos será recompensado, protestando-se contra quem lhe tiver dado couro. Barra 8 de julho de 1854 (JORNAL ESTRELLA DO AMAZONAS, 18 jul. 1854, p. 8).

Já o jornal *Baixo Amazonas*, que circulava na região conhecida como Baixo Amazonas, à qual corresponde ao Oeste do Pará, frisava com mais detalhes as fugas, de certa forma, levando ao induto de penalidade:

Aflitivo e verdadeiramente ameaçador em que [condições] vemos o direito de propriedade neste município, relativamente aos escravos, [...] levas abandonão seus senhores para se refugiarem nos soberbos quilombos que nos cercam. Todos os dias registram-se muitas fugas de escravos e de vez enquanto uma leva de 10, 12, 20 e até 30 escravos [...] como as que se deram nas noites de 28 de dezembro do ano findo e 3 deste mês [...]. De janeiro a maio [período] em que enche o Amazonas é tempo que os escravos julgão mais apropriado para fugirem. Neste tempo o trânsito, que é todo fluvial, facilita-lhes poderem navegar por atalhos que conhecem ou por onde são conduzidos, sem receio de serem agarrados; por este tempo que é o em que se faz a colheita das castanhas (JORNAL BAIXO AMAZONAS, 08 jan. 1876).

Esses registros tornam-se interessantes pelo fato de apontarem para o processo de aliciamento procedido pelos quilombolas, uma forma de reprodução dessas sociedades. Em alguns casos, essas tentativas acabavam em confronto aberto entre senhores e quilombolas. Nesse processo de resistência escrava, as Cabeceiras nas proximidades do Igarapé Grande em Óbidos configuraram-se como os primeiros espaços das sociedades quilombolas nesse município. Quilombo Cabeceiras,¹⁰ nomenclatura de reconhecimento da Fundação Cultural Palmares, é composto pelas comunidades: São José, Silêncio, Matar, Cuece, Apui e Castanhaduba.

Em 1847, do ponto de vista do governo provincial do Pará, os quilombos deveriam ser destruídos (SALLES, 1971).¹¹ Isso porque, “na margem esquerda do Amazonas, desde Almerim até Óbidos, havia mocambos que necessitavam serem destruídos, em razão dos graves prejuízos que sofrem os lavradores daqueles distritos com a fuga de seus

¹⁰ Além dessas áreas remanescentes de quilombo, existem outras no Município de Óbidos que já foram citadas em páginas anteriores. Nessa página foram citadas apenas essas por terem sido as primeiras formadas e tituladas no município de Óbidos.

¹¹ Uma importante discussão a respeito da contribuição historiográfica de Vicente Salles ao estudo da presença do negro no Pará, encontramos em MAFRA (2016, p. 317-350).

escravos” (GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, 1847 *apud* FUNES, 2015, p. 23). Isso em razão de, a cada dia que passava, os mocambos cresciam no decorrer do século XIX, conforme o que foi registrado no jornal da região do referido século:

Apesar da grande falta de braços no que lutam os agricultores do Amazonas, aumentado este mal em que a avultada emigração para os seringais do Alto Amazonas, ainda temos a lamentar as continuas fugas de escravos que diariamente, abandonam seus senhores para se homisear em nos quilombos do Trombetas, em Óbidos, e Curuá, em Alenquer. O número crescido de escravos que contem estes dois mocambos eleva-se, segundo bons cálculos, a mais de mil. Não encontramos outro meio de extinguir os quilombos, já que tem sido improficuo os meios empregados pelo governo, em suas expedições com o fim de bater os mocambeiro (JORNAL BAIXO AMAZONAS, 22 jan. 1873).

De acordo com Funes (2015), tempo de festa, tempo de cheias, tempo da castanha: era esse o tempo da fuga. Estabelecidos acima das corredeiras e cachoeiras, os quilombolas interpunham obstáculos naturais entre eles e seus perseguidores. Ultrapassá-los implicava ser bom de remo e hábil em desviar de pedras. Por sua vez, os caminhos pelas matas encurtavam as distâncias em relação aos rios cheios de meandros mas, para conhecê-los, era necessário ser mestre. Desse modo, alcançar os parceiros e buscar um lugar seguro, fora do alcance da perseguição, em que fosse fácil encontrar alimentos na natureza eram elementos presentes nos planos dos escravos.

Os mocambos presentes no imaginário dos descendentes, como tempo de liberdade, de fartura, diante de uma atualidade marcada por dificuldades sociais vivenciadas pelas comunidades negras ribeirinhas: o não respeito aos mais velhos e, mais do que a discriminação racial e o preconceito, a luta pela terra.

Após as discussões justapostas, é relevante considerar que o conhecimento científico sobre as comunidades quilombolas permite chegar a uma conclusão de fundamental importância histórica. Deve-se, portanto, ter muita atenção ao instrumental a ser utilizado para pensar sobre quilombos, múltiplo na sua origem, não homogêneo em sua constituição e manifestação histórica. Atitudes passadistas e estereótipos baseados em modelos pré-concebidos e generalizações de pouca significação não se prestam à análise de um fenômeno de tão ricas perspectivas históricas como foram os quilombos. Sob o ponto de vista social, há que se pensar no perigo de congelar a dinâmica social, própria de todos os grupos humanos. Cabe à sociedade brasileira e, de maneira especial, aos quilombolas, o resgate desse complexo fenômeno como “elemento crucial na (re) construção da identidade do grupo, pela recuperação da memória coletiva, de modo a remontar os traços comuns dessas comunidades” (MALCHER; MARQUES, 2009, p. 25). A partir dessa concepção, é necessária a descrição das folias de santo e suas possibilidades de análise a partir da proposição apresentada acima.

A partir dessas ponderações e por conta da contribuição significativa do escravo negro no desenvolvimento da região do Baixo Amazonas¹² é que se chegou ao propósito de analisar sobre suas práticas no município. Pois, falar em comunidades negras, remanescentes de quilombos, em Óbidos no Estado do Pará, é remeter a uma história marcada por conflitos, “resistências de cativos que romperam com a sua condição

¹² Cf. SAMPAIO (2011), encontramos uma série de reflexões problematizando a presença do negro na região amazônica.

social ao fugirem dos cacoads, das fazendas de criar, das propriedades dos senhores de Óbidos, Santarém, Alenquer e, mesmo, de Belém e outros centros urbanos” (FUNES, 2015, p. 18). É navegar nas reminiscências vivas que marcam as experiências sociais e vivências dos afro-amazônidas.¹³

Devido à discriminação e à separação social entre homens livres e escravos, os negros das áreas remanescentes de quilombos do município de Óbidos, como forma de conservar sua cultura, assim como perpetuar suas crenças, costumes e tradições organizaram as Folias de Santos, verdadeiros rituais religiosos dedicados aos seus santos protetores. Entre as folias, as que resistiram até os dias atuais, estão: a Folia de São Tomé (comunidade do Arapucu), a Folia de Santa Maria (comunidade de Nossa Senhora das Graças, Paraná de Baixo), Folia de São Benedito (Comunidade do Silêncio), entre outras. A Folia de Santa Luzia (comunidade da Costa Fronteira) teve suas últimas manifestações culturais no final do século XX. Somente a primeira folia citada será descrita a seguir.

Há mais de 70 anos a Folia de São Tomé é realizada na comunidade do Arapucu. Alguns relatos orais indicam o início com a família Gonçalo em 1947, uma das pioneiras no local. Em certo período do ano, o santo era transportado, com ladainhas em latim, para abençoar as casas e as roças. A crença em sua eficiência salvadora ampliava nos momentos de crise das lavouras, nas quais acreditava-se que as casas que haviam sido abençoadas com a passagem de São Tomé, não sofriam com as vicissitudes do clima sobre a questão agrícola. Após o falecimento de um dos membros mais antigos da comunidade, os devotos seguintes acabaram por introduzir o batuque, Bandeira Branca e a Caixinha entre os símbolos da folia. Também estabeleceram as ofertas para o almoço e o jantar dos foliões, além das derrubadas do Mastro de Oferendas e a procissão fluvial do “por mar a baixo”.

As sucessivas alterações nas responsabilidades de liderança contribuíram para o aumento do número de foliões, das andanças do santo nas roças, para a introdução a Caixa Grande e demais instrumentos ligados ao ritmo das toadas. Surgiram, também, como símbolo da fertilidade, a Bandeira Vermelha e os bailes nas residências em que o santo pernoitava. As festas eram movidas por músicos locais, alguns membros da Folia enquanto que outros não. Por meio de instrumentos rústicos de pau e corda, chamados por eles de “espanta cão”, entoavam diversos ritmos.

Com o avançar da idade, os Freitas repassaram o comando para o senhor Antônio Pereira da Silva e sua esposa, a senhora Alice Viana Barbosa, carinhosamente conhecida por Lili, que no período de 1954 a 1987 mantiveram os festejos de São Tomé ininterruptamente com todos os requisitos da tradição.

As sucessões no comando da Folia foram repassadas para Antônio Pereira da Silva e sua esposa Alice Viana Barbosa (1954-1987), posteriormente para Francisco Gomes de Sena, (1987-2008) e, em seguida, para Douglas Sena dos Santos, com o qual encontra-se a responsabilidade Capitão Folião.¹⁴

¹³ A respeito dos conflitos sociais envolvendo as Comunidades Quilombolas na Amazônia e seus aspectos associados à terra, identidade e história da família, conferir: BOYER (2014, p. 527-555).

¹⁴ No texto BASQUES (2010, p. 150-165), encontramos uma consistente discussão sobre questões envolvendo os aspectos do método e da pesquisa etnográfica. Durante as coletas de dados nas atividades de campo, elaboramos com o Capitão Folião um resumo histórico para seu uso educacional e propagador da memória da Folia de São Tomé. Este resumo histórico foi distribuído para muitas pessoas interessadas na Folia e uma mostra deste material encontra-se em [http://www.obidos.net.br/index.php/noticias/764-co-](http://www.obidos.net.br/index.php/noticias/764-co)

Cantos e ladainha das folias de santo¹⁵

Os cantos, também chamados de folias, foram escritos à medida que a folia do Santo cresceu, assim como o movimento da festa do Santo. Não existem escritas que comprovem as autorias das composições, mas acredita-se que foram criadas pelos primeiros Capitães Foliões. Esse mérito não se dá somente aos da Folia de São Tomé, mas também aos demais integrantes das outras folias, pois todas as vezes que ocorria um encontro entre as mesmas, além da disputa que havia entre elas, também era o momento no qual se aprendia outros versos de cantos assim como novas toadas. Tratando assim “uma questão inscrita em significados e significantes imemoriais e nucleares” (BRANDÃO, 1993, p. 16) de sua cultura, mas que, na presente conjuntura, parece tornar-se social e histórica.

Apesar dos cantos ou folias terem suas letras e versos prontos, o Capitão Folião, dependendo de sua imaginação, pode criar versos momentâneos, exceto nas seguintes folias: *Alvorada*, *Seis Horas*, *Agradecimento de Mesa*, *Dezoito Horas*, *Entrada de Reza* e *Agradecimento de Reza*. Essas folias possuem letras e versos específicos e insubstituíveis, por serem cantos dos principais momentos de oração durante a romaria. Importante frisar que em todos os cantos ou folias é permitido alterar o nome do Santo ou Santa com o/a qual está sendo feita a romaria. A visão, nesta análise, busca “imaginários proféticos, mitos, sagas, cantos e símbolos populares ‘da tradição’” (BRANDÃO, 1993, p. 23), ou seja, na interpretação da lógica do parentesco, da prática cultural ou da ideologia dogmática da comunidade. Nesse sentido, juntam-se à memória, por serem parte dela, os cantos, folias, as lendas, a linguagem, as variadas formas de expressão, a arte de curar e outras manifestações “culturais significativas para a construção do conhecimento histórico” (THOMPSON, 1992, p. 44).

Todos os cantos ou folias são entoados inicialmente pelo Capitão Folião, ou por alguém que este designa a fazê-lo. Quando na mesma romaria está o Capitão Folião de outra Folia, este só pode entoar um canto ou folia se obtiver a permissão do Capitão Folião Titular da romaria. A seguir serão apresentadas partes das estrofes dos cantos por serem muito extensos.

Canto de Alvorada:

Alvorada, alvorada. (bis) De manhã, de madrugada. (bis) Acordai quem está dormindo. (bis) Deste sono tão profundo. (bis) Para ouvir cantar alvorada. (bis) Ao Senhor de todo o mundo. (bis) Os galos estão cantando. (bis) É sinal de amanhecer. (bis) Já lá vai a pomba voando. (bis) Não tem a pena da guia. (bis) Vai buscar a estrela D’Alva. (bis) Que sai no romper do dia. (bis) Os anjos estão rezando. (bis) O Pai Nosso e Ave Maria Cristo por aqui passou. (bis) Antes de o galo cantar. (bis) Com uma cruz sobre os ombros. (bis) Que nos fez ajoelhar. (bis) Ô que belo pica pau. (bis) Que do pau faz seu tambor. (bis) Para tocar na alvorada. (bis) Na porta de nosso Senhor. (bis) Cheira cravo e cheira

munidade-do-arapucu-realiza-evento-da-folia-de-sao-tome, o qual foi disposto online por Francerlei Santos, participe de um dos momentos da festividade ora estudada.

¹⁵ Uma reflexão mais aprofundada das ladainhas encontra-se discutida na dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) com o título de *A Folia de São Tomé como traço étnico da cultura afro-brasileira em Óbidos/PA*. CF. TAVARES, 2018.

rosa. (bis) Cheira flor de Alixandria. (bis) Glorioso São Tomé. (bis) Encerrai vossa Folia. (bis).

Entre repetições e sussurros, um repertório de cantos selecionados, que trazem, em meio a significados das folias por via de instrumentos, tem-se os afro-brasileiros que com suas práticas cantam, dançam com toadas de sentimentos, palavras em que rufam as batidas do tambor e pulsa o sangue negro. Em comunidades do interior, é costumeiro as pessoas acordarem de madrugada, por volta de 03h30min ou 04h00min da manhã. Após despertar, o Capitão Folião, *entesa* as cordas da *caixinha* ou caixa de *repique* e a *rufa*, despertando os demais para o novo dia que amanhece. Quando todos estão postos, é cantado o canto de alvorada. Posteriormente, canto das 06h00hs (seis horas) 1ª toada:

Já lá vai a triste noite. (bis) Já Lá vem o alegre dia. (bis) Meu Senhor dono da casa. (bis) A nós dê vosso bom dia. (bis) Somos filhos de Maria. (bis) Descendentes de Adão. (bis) Glorioso São Tomé. (bis) A nós dê vossa benção. (bis) Já lá vem o sol saindo. (bis) Enchendo o mundo de luz. (bis) Peço ao sol que não nos deixe. (bis) Pelas chagas de Jesus. (bis) Já lá vem o sol saindo. (bis) Por de traz de uma vidraça. (bis) Glorioso São Tomé. (bis) Também é cheio de graça. (bis) Vamos juntos irmãos rezar. (bis) O Pai Nosso e Ave Maria. (bis) Glorioso São Tomé. (bis) Encerrai vossa folia. (bis) Canto das 06h00hs (seis horas) 2ª Toada. Já lá vai a triste noite. (bis) Já lá vem o alegre dia. (bis) Meu anjo, meu Jesus. Meu Senhor dono da casa. (bis) A nós dê vosso bom dia. (bis) Meu anjo, meu Jesus. Já lá vem o sol saindo. (bis) Enchendo o mundo de luz. (bis) Meu anjo, meu Jesus. Peço ao sol que não nos deixe. (bis) Pelas chagas de Jesus. (bis) Meu anjo, meu Jesus. Somos filhos de Maria. (bis) Descendentes de Adão. Meu anjo, meu Jesus. Glorioso São Tomé. (bis) A nós dê vossa benção. Meu anjo, meu Jesus Já lá vem o saindo. (bis) Por de traz de uma vidraça. Meu anjo, meu Jesus. Glorioso São Tomé. (bis) Também é cheio de graça. Meu anjo, meu Jesus. Vamos juntos irmãos rezar. (bis) O Pai Nosso e Ave Maria. (bis) Meu anjo, meu Jesus. Glorioso São Tomé. (bis) Encerrai vossa folia. (bis) Meu anjo, meu Jesus.

Antes do café da manhã, os foliões reúnem-se sempre ao *rufar* da *caixinha* ou *caixa de repique*. Todos em oração entoam o canto das 06 horas desejando ao dono da casa, onde o Santo e os foliões pernотaram, bom dia e pedindo a benção de Deus e de São Tomé para a caminhada do dia. Após terminar o canto, de dois em dois, a começar pelos bandeireiros, ajoelham-se na frente do altar para fazerem suas orações. Essas orações além de pessoais podem ser orientadas pelo Capitão Folião. O que é possível perceber é a reprodução de “letras que envolvem ordens de comando e expressões do significado dado pelo grupo ao que é feito na folia” (BRANDÃO, 1977, p. 18).

Cantos de Visitação:

Canto N° 1 Entraremos em vossa roça. Pela estrada principal. Aqui está o São Tomé, que vos veio visitar. Refrão: Glórias serão dadas, Jesus, Maria e José. (bis) Deus vos salve a casa santa. Onde Deus fez a morada. Onde mora o Cálix Bento, mora a Hóstia Consagrada. Refrão: Glórias serão dadas, Jesus, Maria e José. (bis) Cheira cravo e cheira rosa, cheira flor de alixandria. Glorioso São Tomé, encerrai vossa folia. Refrão: Glórias serão dadas, Jesus, Maria e José. (bis) *Canto n° 2* Entraremos em vossa roça. Com o amor que vós queria. Aqui

está imagem, que está em nossa companhia. (bis) Refrão: Os anjos lá no céu cantam louvores, cantamos na terra também. Somo filhos de Maria, glória para sempre amém. (bis) Glorioso São Tomé, veio lhe fazer visita. Veio trazer os seus milagres pra quem deles necessita. (bis) Refrão: Os anjos lá no céu cantam louvores, cantamos na terra também. Somo filhos de Maria, glória para sempre amém. (bis) Vamos irmãos rezar o Pai Nosso e Ave Maria. Glorioso São Tomé, encerrai vossa folia. (bis) Refrão: Os anjos lá no céu cantam louvores, cantamos na terra também. Somo filhos de Maria, glória para sempre amém. (bis) [...]

A palavra roça não é utilizada por moradores da comunidade no sentido de que é o terreno que se roçou para ser cultivado, sentido denotativo da palavra. Essa palavra, assim como no canto acima, é empregada em razão de que é o local onde está situado algum tipo de plantação, ou seja, mesmo que não tenha sido roçado o espaço recebe essa nomenclatura. Um total de quatorze cantos ou folias é entoado no momento em que a imagem do Santo chega a uma roça ou residência, fazendo ali um momento de oração conjunta, assim como individual, pois todos os foliões e também o proprietário da roça ou residência aproximam-se do Santo ou do altar e fazem um gesto de respeito à imagem do Santo, o sinal da cruz e beijam as fitas amarradas no mesmo. É importante frisar que, no momento em que a visitação está sendo feita nas casas, algumas palavras dos cantos e folias são automaticamente substituídas como, por exemplo: a palavra roça é substituída por casa e a palavra estrada é trocada por porta. Praticamente um mesmo canto é repetido infinitas vezes durante dois dias de jornada, tempo de duração da prática da Folia de São Tomé. Significa dizer que pode ser “considerada como típica daquela companhia e somente muda no momento da cantoria” (BRANDÃO, 1977, p. 18).

Canto de Despedida:

Vamos dar a despedida seja com muita alegria. (bis) Já se vai o São Tomé que está companhia. (bis) Refrão: Adeus, adeus, adeus, minha querida Senhora. (bis). Fiquem vós com Deus, que com Deus nós vamos embora. (bis) Glorioso São Tomé tem os melindrosos. (bis) Ele vai dizendo adeus, até para o ano vindouro. (bis) Refrão: Adeus, adeus, adeus, minha querida Senhora. (bis). Fiquem vós com Deus, que com Deus nós vamos embora. (bis) Já se vai, já se despede, de vossa roça rezando. (bis) Já se vai o São Tomé, nestas bandeiras voando. (bis) Refrão: Adeus, adeus, adeus, minha querida Senhora. (bis). Fiquem vós com Deus, que com Deus nós vamos embora. (bis) Cheira cravo e cheira rosa, cheira flor de alixandria. (bis) Glorioso São Tomé, encerrai vossa folia. (bis) Refrão: Adeus, adeus, adeus, minha querida Senhora. (bis). Fiquem vós com Deus, que com Deus nós vamos embora. (bis).

Em cada casa, o tempo de duração de uma folia de visitação fica em torno de 25 minutos. A mantenedora ou mantenedor agradece a recepção e pede licença ao dono da casa para que possam seguir com a visitação. Se este conceder, é então entoado o canto ou folia de despedida, caso contrário, só poderão sair quando o dono da casa permitir. Nesse canto, no momento em que o Capitão Folião entoa o verso que referencia as bandeiras, automaticamente os bandeireiros as movimentam dando adeus ao dono da casa. Vale observar que os cantos da folia perduram através das gerações, por dinâmicas próprias da oralidade, passando por transformações e transcrições continuamente necessárias para a sobrevivência e permanência cultural de seus praticantes, chegando

aos ouvidos dos participantes como “um forte veículo de devoção que compõe a paisagem sonora de toda uma população atual” (LUCAS, 2006, p.76). Baseado em análises de trabalho de campo, pontua-se que para os participantes da Folia de São Tomé, os falares africanos, mantidos em seus cantares, o que se vê principalmente no *aiuê*, são considerados “portadores de poderes rituais, além de constituírem um diferencial do grupo – a língua dos antepassados – servindo para a comunicação interna sem que sejam compreendidos por quem não pertence à tradição” (LUCAS, 2005, p. 26).

Apesar de os foliões não utilizarem dialetos africanos ou quaisquer outros que os desloquem das formas de conversação da região, observou-se que a “língua dos antepassados”, citada por Lucas (2005), encontra-se presente sob outra perspectiva. O acesso ao mundo sagrado é alcançado, não pelo uso de dialetos específicos, mas através do meio pelo qual seus dizeres são comunicados. Os cantores da Folia de São Tomé compuseram seus próprios versos a partir do mito católico de forma que, apesar de unificados pelo tema do sagrado nascimento e visitação, dificilmente são encontrados cantos cujos versos cantados sejam semelhantes, também a entoada é única. Diante de algumas particularidades, constata-se que o ponto comum a partir do qual o mundo sagrado é acessado, não remete aos textos, instrumentos ou formas como são executadas as canções. Ele está presente por intermédio de discursos que são proferidos. Este meio é o canto dos foliões, que codifica as mensagens dirigidas ao santo.

Não se pretende com isso deslocar a inteligibilidade das letras dos cantos a um segundo plano hierárquico, mas aludir à importância dos cantos da folia como meio unificador dos discursos proferidos durante o ritual.

Canto de Mar a Baixo:

O que dia tão alegre, sendo Ele sem segundo. (bis) Glorioso São Tomé, que está visitando o mundo. (bis) Mar abaixo, mar acima, Mariquita na janela. (bis) Enfiando contas de ouro, no retrô da primavera. (bis) Primavera, primavera, o que trouxe nesta terra? (bis) Lágrima de uma viúva, suspiro de uma donzela. (bis) Rema, rema remador, contra vento e maré. (bis) Para ver se encontramos, com Jesus de Nazaré. (bis) Por aqui vamos andando, dentro desta montaria. (bis) Para ver se encontramos, com a Virgem Maria. (bis) Rema, rema, remador, não te cansas de remar. (bis) Vamos nos abreviar, pra nosso barco encostar. (bis) Por aqui vamos cantando igualmente o Uirapuru. (bis) Estamos aqui passeando no lago da Arapucu. (bis).

Imagem 01 – Passeio de Mar Abaixo.



Fonte: Arquivo pessoal.

O canto de Mar Abaixo é entoado todas as vezes que se estiver viajando por via fluvial, mais precisamente, quando a embarcação, que por hora transporta a folia, entra no lago da comunidade e, também, quando sai do mesmo. Este canto faz referência à Maria, mãe de Jesus e ao próprio Jesus, dizendo também ao povo que reside às margens do lago o nome do Santo que está em romaria. No canto, a palavra *remar* faz referência aos antepassados da folia quando o passeio era feito a canoa, no qual se usava remos, entre 1947 e 1970. Nessa época não existiam embarcações motorizadas na comunidade Arapucu, o que se diferencia da contemporaneidade, como se observa na imagem acima. Essas mudanças ocorrem, mas “sem deixar de lado inteiramente os seus compromissos seculares de trabalho e de participação” (BRANDÃO, 1986, p. 157).

Canto de Procissão:

Três Maria se vestiram. A numa noite, de luar. (bis) A procura do Senhor. E nunca puderam encontrar. (bis) Foram encontrar em Roma. Discutindo com os doutores. (bis) O que dia tão alegre. E sendo Ele sem segundo. (bis) Glorioso São Tomé, é que está visitando o mundo. (bis) Por aqui vamos andando. E cantando com muita fé. (bis) Para ver se encontramos, com Jesus de Nazaré. (bis) Deus vos salve Casa Santa. Aonde Deus fez a morada. (bis) Onde mora o Cálix Bento, e mora a Hóstia Consagrada. (bis) Por aqui vamos andando. Tão alegre neste dia. (bis) Jesus Cristo é o Rei da Glória. Filho da Virgem Maria. (bis) Abram as portas do céu, e rompam-se novas cortinas. (bis) Apareça o São Tomé, e assista vossa doutrina. (bis) *Canto de Procissão* Refrão: Vamos cantar a divina, que Senhora nos mandou. (bis). Louvada seja a Senhora, Mãe de Jesus Redentor. (bis) O que dia tão alegre, sendo Ele sem segundo. (bis) É o glorioso São Tomé, que está abençoando mundo. (bis) Refrão: Vamos cantar a divina, que Senhora nos mandou. (bis). Louvada seja a Senhora, Mãe de Jesus Redentor. (bis) Por aqui vamos andando. E cantando com muita fé. (bis) Para ver se encontramos, com Jesus de Nazaré [...].

Estes cantos ou folias de procissão são cantados sempre no dia da festa do Santo. Nesse dia é escolhida uma residência ou a Igreja da comunidade de onde sairá a procissão. Após breve oração no interior deste local, inicia-se a procissão sempre com as bandeiras à frente, e então o Capitão Folião entoa o canto ou folia. Quando inicia a segunda parte do verso cantado, os bandeireiros realizam movimentos sincronizados com as bandeiras. Em meio a essa procissão, a missão da folia de São Tomé “é cumprir uma jornada” (BRANDÃO, 1977, p. 8) que dura dois dias.

Essa sequência o ritual, a respeito do passeio da folia, possui a mesma estrutura performática do dia anterior, alterando apenas as rimas construídas sobre o cotidiano da folia. Portanto, entende-se que a “procissão” constitui-se como o período liminar desse ritual, em que transparece uma comunicação extraordinária do santo com os sujeitos que compartilham dessa tradição religiosa, sendo possível fazer contato direto com sua divindade de devoção. Isso ocorre devido ao fato de as bandeiras da folia serem o símbolo ritual na sua menor unidade, em que a eficácia na transmissão dos valores históricos dessa tradição cultural é possível devido a essa liminaridade que o passeio do santo provoca na prática da folia, que se configura como um espaço “entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula” (BRANDÃO, 1981, p.35).

Canto de AIUÊ:¹⁶

¹⁶ Vem do quimbundo “Ai! Au! Ai de mim!”. De origem africana por pertencer a um verbete do português

O que dia tão alegre, sendo Ele sem segundo. Refrão: Forma, forma para marchar, iremos depressa, queremos chegar. (bis) Glorioso São Tomé, que está visitando o mundo. Refrão: Forma, forma para marchar, iremos de pressa, queremos chegar. (bis) Cantamos esta folia, cantamos com alegria. Refrão: Forma, forma para marchar, iremos de pressa, queremos chegar. (bis) Encontramos neste momento com Pai João e Mãe Maria. Refrão: Forma, forma para marchar, iremos de pressa, queremos chegar. (bis) Mãe Maria, você como está? Virou sua canoa nas ondas do mar. Refrão: Deixaram virar, deixaram virar, porque Mãe Maria não soube remar. (bis) Mãe Maria cabeça de cuia, virou sua canoa ficou de bubuia. Refrão: Deixaram virar, deixaram virar, porque Mãe Maria não remar. (bis) A Rainha de castelo tem buraco na mão, foi o rato que roeu pensando que era mamão. (bis) Refrão: O ratinho do buraco trepou e ficou lá no ar, nós dançamos no bailar somos marujos do mar. (bis).

Em determinado percurso da procissão, encontra-se com Pai João e Mãe Maria, assim como os seus filhos, personagens criados que representam a afrodescendência da comunidade. No momento desse encontro, o Capitão Folião pede que todos parem a Folia de Procissão e inicia o canto ou folia do *AIUÊ*. Os personagens fazem, no decorrer do canto, suas homenagens ao Santo, assim como dançam o *AIUÊ*, juntamente com todos os foliões e quem mais souber o ritmo da dança.

Canto de Derruba do Mastro:

O que tarde tão alegre. (bis) Sendo Ele sem segundo. Meu anjo meu Jesus. Sendo Ele sem segundo. Glorioso São Tomé. (bis) Que está percorrendo o mundo. Meu anjo meu Jesus. Que está percorrendo o mundo. O que tarde tão alegre. (bis) Vamos derrubar o mastro. (bis) Do Senhor de todo o mundo. Meu anjo meu Jesus. Do Senhor de todo o mundo. O que tarde tão alegre. (bis).

A derruba do mastro é um dos momentos mais importantes da festa do Santo. O mastro é levantado na véspera da festa, todo cheio de oferendas. Nessa ocasião canta-se a folia para levantar o mastro, sendo a mesma cantada para derrubar. As oferendas que estão penduradas no mastro simbolizam a fartura da colheita que são ofertadas depois da derruba aos mordomos.¹⁷ Na ponta superior do mastro ficam atrelados um litro de bebida e uma pequena bandeira com o nome de São Tomé. A pessoa interessada em pegar a bandeira, terá direito ao litro de bebida e a responsabilidade de ornamentar o mastro do ano seguinte, ficando este também com o nome de Capitão do Mastro. Quando se percebe que o mastro está quase totalmente decepado, chama-se a pessoa que ornamentou e este dá os últimos golpes como forma de dizer que aquela promessa está cumprida. Quando este não pode estar presente ou está de alguma forma impossibilitado naquele momento, o Capitão Folião encerra o canto da folia e direciona-se para fazer o papel de decepador do mastro.

Às 17h00, visita-se a última roça ou casa do dia, na qual se faz uma pausa até às

angolano (NASCIMENTO, 1907, p. 38). No momento da pesquisa, eu perguntei se alguém sabia a origem do verbete, os mesmos disseram que não, simplesmente usam essa expressão que vem sendo repassada oralmente desde o surgimento da Folia de São Tomé. A partir dessa pesquisa, eu já os informei a origem da expressão.

¹⁷ Mordomos: são pessoas previamente inscritas que ficam esperando ao redor do mastro o chamado do seu nome para que possa deferir um golpe de machado no tronco do mastro – diziam os antigos que este golpe também simbolizava o despejo de possíveis pecados cometidos por aquele mordomo.

18 horas, momento em que é cantado o canto das 18 horas, agradecendo a Deus pelo dia de visita e desejando boa noite ao dono da casa. Após o término do canto, novamente de dois em dois os foliões aproximam-se do altar para fazer suas orações. Na prática, roças são incluídas nos versos proclamados pelos foliões, no intuito de que as bênçãos de São Tomé sejam distribuídas às plantações para que as pragas não as infestem.

Canto das 18h00hs (dezoito horas):

Já lá vai o alegre dia. (bis) Já Lá vem a triste noite. (bis) Meu Senhor dono da casa. (bis) A nós dê vosso boa noite. (bis) Somos filhos de Maria. (bis) Descendentes de Adão. (bis) Glorioso São Tomé. (bis) A nós dê vossa bênção. (bis) Já lá vai o sol sentando. (bis) Deixando o mundo sem luz. (bis) Peço ao sol que não nos deixe. (bis) Pelas chagas de Jesus. (bis) Já lá vai o sol sentando. (bis) Por de trás de uma vidraça. (bis) Glorioso São Tomé. (bis) Também é cheio de graça. (bis) Vamos juntos irmãos rezar. (bis) O Pai Nosso e Ave Maria. (bis) Glorioso São Tomé. (bis) Encerrai vossa folia. (bis) *Canto das 18h00hs (dezoito horas) 2ª Toada.* Já lá vai o alegre dia. (bis) Já Lá vem a triste noite. Meu anjo, meu Jesus. Meu Senhor dono da casa. (bis) A nós dê vosso bom dia. Meu anjo, meu Jesus. Somos filhos de Maria. (bis) Descendentes de Adão. Meu anjo, meu Jesus. Glorioso São Tomé. (bis) A nós dê vossa bênção. Meu anjo, meu Jesus. Já lá vem o sol saindo. (bis) Deixando o mundo sem luz. Meu anjo, meu Jesus. Peço ao sol que não nos deixe. (bis) Pelas chagas de Jesus. Meu anjo, meu Jesus. Já lá vai o sol sentando. (bis) Por de trás de uma vidraça. Meu anjo, meu Jesus. Glorioso São Tomé. (bis) Também é cheio de graça. Meu anjo, meu Jesus. Vamos juntos irmãos rezar. (bis) O Pai Nosso e Ave Maria. Meu anjo, meu Jesus. Glorioso São Tomé. (bis) Encerrai vossa folia. Meu anjo, meu Jesus.

Todos os foliões são observados durante a romaria de visita no decorrer do dia sobre algum desvio de conduta.¹⁸ Este papel de observação destina-se à Mantenedora do Santo que, na pausa no final da tarde, comunica ao Capitão Folião o nome do infrator e qual foi a infração cometida e este, no momento em que o infrator se ajoelha na frente do altar, o Capitão Folião lhe dá a sentença, a qual deverá ser paga em forma de oração. Quando a infração é grave, cruzam-se as bandeiras em cima do infrator e, ao final de cada oração por ele rezada em voz alta, dão-se três toques na caixa grande ou caixa de resposta como sinal de cumprimento da sentença.

Canto de Agradecimento de Mesa:

Deus ô pague irmão devoto. (bis) Pelo alimento que deu, meu anjo, meu Jesus. Pelo alimento que deu. Para o alimento do corpo. (bis) Seja pelo amor de Deus, meu anjo, meu Jesus. Seja pelo amor de Deus. Nossa mesa está ornada. (bis) Toda coberta de véu, meu anjo, meu Jesus. Toda coberta de véu. Glorioso São Tomé. (bis) Ponha sua mesa no céu, meu anjo, meu Jesus. Ponha sua mesa no céu. Viva quem serviu a mesa. (bis) Quem deu água aos foliões, meu anjo, meu Jesus. Quem deu água aos foliões. Terá os anjos em sua “companha”. (bis) Glória e céu por salvação, meu anjo, meu Jesus. Glória e céu por salvação. Bendito, louvado seja. (bis) Com que se agradece a mesa, meu anjo, meu Jesus. Com que se agradece a mesa.

¹⁸ Os casos mais comuns eram por embriaguez. Alguns foliões, às vezes, bebiam demasiadamente e acabavam brigando.

É costume durante a romaria uma pausa às 11h00 da manhã, ou melhor, “o pouso do meio do dia, para almoço” (BRANDÃO, 1977, p. 8). Na casa em que se chega a esse horário, oferta-se pela família proprietária da mesma um almoço aos foliões, e acontece o mesmo às 17h00, servindo o jantar às 19h00. O Canto de Agradecimento de mesa é feito cerca de 30 minutos a uma hora depois do almoço ou do jantar, pedindo a benção de Deus e de São Tomé para o alimento e para a família, assim como agradecendo, vista essa prática como “o bendito de mesa” (BRANDÃO, 1977, p. 13).

Canto de entrada de reza:

Abram-se, portas do céu. (bis) Rompam-se, novas cortinas. (bis) Refrão: No jardim, da verde rama. (bis). No primor da linda rosa. (bis) Apareça, o São Tomé. (bis) Assista vossa doutrina. (bis) Refrão: No jardim, da verde rama. (bis). No primor da linda rosa. (bis) Já são horas, irmãos são horas. (bis) De cumprir com as orações. (bis) Refrão: No jardim, da verde rama. (bis). No primor da linda rosa. (bis) No paraíso, Jesus se alegra. (bis) Com quem rezar com devoção. (bis) Refrão: No jardim, da verde rama. (bis). No primor da linda rosa. (bis) Terá os anjos, em sua “companha”. (bis) Glória e céu, por salvação. (bis) Refrão: No jardim, da verde rama. (bis). No primor da linda rosa. (bis) Pelo sinal da Santa Cruz. (bis) Livrai-nos Deus Nosso Senhor. (bis) Refrão: No jardim, da verde rama. (bis). No primor da linda rosa. (bis) Em nome do Pai, e do Filho. (bis) Do Espírito Santo amém. (bis) Refrão: No jardim, da verde rama. (bis). No primor da linda rosa. (bis) [...].

Antes de iniciar a Ladainha,¹⁹ o dono da casa na qual é feita a reza, convida os presentes a adentrarem e participarem da mesma. Em seguida e, sempre ao rufar da caixinha, é entoado o canto de entrada de reza, no qual contém, nas letras de seus versos, alguns benefícios adquiridos ao fazerem a reza, assim como o sinal da cruz que nesta folia é cantado. Considerando assim o canto de entrada de reza e a abertura da seção, por tratar-se de uma canção na qual a folia se apresenta como representante e/ou intercessora de São Tomé. Além dessa apresentação, os foliões recitam versos que pedem licença ao dono da casa para que este permita a entrada da folia em sua residência, ao mesmo tempo em que distribuem bênçãos e promessas de proteção divina.

Embora de exclusiva iniciativa popular, a ladainha da Folia de São Tomé é solenidade eminentemente religiosa de fundo católico em sua manifestação exterior. Mas São Tomé também é vencedor de demandas e, assim, há convergências de elementos dos cultos afro-brasileiros. Do ponto de vista cultural, o cerimonial está ligado às folias. É importante dar ênfase que essa escrita da ladainha não obedece às normas do Latim Clássico, mas está baseada na maneira de ser escrita e cantada desde os princípios da Folia de São Tomé e dos demais Santos para os quais eram prestados cultos. Ao terminar a ladainha, o Capitão Folião ou a pessoa que naquela oportunidade estiver cantando a ladainha, faz o oferecimento da mesma ao Santo para a qual foi rezada, assim como para Jesus Cristo e, em seguida, canta-se o hino do Santo. Hino de São Tomé:

¹⁹ Entre as Ladainhas da Folia de São Tomé destaca-se, inclusive, uma de teor latino, a qual os foliões entoam na linguagem que lhes foi repassada através da oralidade durante todo o período de existência da folia.

Refrão: Senhor São Tomé, já foi caçador. Hoje Ele é Santo de Nosso Senhor. (bis) Senhor São Tomé, já foi roceiro. Hoje Ele é Santo de Deus verdadeiro. (bis) Refrão: Senhor São Tomé, já foi caçador. Hoje Ele é Santo de Nosso Senhor. (bis) Senhor São Tomé, sua manga cheira. De cravos e rosas, flor de laranjeira. (bis) Refrão: Senhor São Tomé, já foi caçador. Hoje Ele é Santo de Nosso Senhor. (bis) Senhor São Tomé, sua lança é de prata. E as vossas palavras, são cheias de graça. (bis) Refrão: Senhor São Tomé, já foi caçador. Hoje Ele é Santo de Nosso Senhor. (bis) Glória seja ao Pai e ao Filho também. E ao Senhor São Tomé, para sempre amém.

Além do Hino do Santo, fica opcional cantar uma Salvas ou um Bendito. Estes cantos também são cantados quando a ladainha é dedicada a um Santo ou uma Santa do qual se desconhece o Hino.

1ª Salva: Esta Salva que rezemos a (nome do santo), oferecemos. Que nos livre do demônio e de sua má companhia. Nas contas do seu Rosário são balões de artilharia, que combatem no inferno dizendo Ave Maria, outra vez Ave Maria Concebida e sem pecado. Bendito e Louvado seja o Santíssimo Sacramento no Altar e na Puríssima Conceição, da Virgem Maria Senhora Nossa, Concebida, sem pecado original para sempre amém, amém. *Bendito:* Na porta do Céu, tem uma cruz. (bis) É cama é travesseiro do Nosso bom Jesus. (bis) A Nossa Senhora me deu um recado. (bis) Pra que eu não me esquecesse do Bendito Louvado. (bis) Seja o Santíssimo Sacramento, do Altar e na Puríssima Conceição, da Virgem Maria Senhora Nossa Concebida sem pecado original para sempre amém, amém. *Canto de agradecimento de reza:* Já rezou, já está rezado, já estão cumpre as orações. No paraíso Jesus se alegra com quem rezou com devoção. (bis) Refrão: Os anjos lá no céu cantam louvores, cantamos na terra também. Somo filhos de Maria, glória para sempre amém. (bis) No paraíso Jesus se alegra com quem rezou com devoção. Terá os anjos em sua companhia, glória e céu por salvação. Refrão: Os anjos lá no céu cantam louvores, cantamos na terra também. Somo filhos de Maria, glória para sempre amém. (bis).

Após terminar a Ladainha, ter sido feito o oferecimento, rezado três Ave Maria e um Pai Nosso, é entoado o canto de agradecimento de reza. Este canto, além de agradecer, faz também referência aos anjos, que em sintonia com os devotos aqui na terra, cantam seus louvores no céu.

Canto de Beijada:

Cheguem todos irmãos devotos, cheguem todos a beijar. Glorioso São Tomé, que está posto no altar. Refrão: Beijai irmãos, beijai com alegria, Jesus Cristo é o Rei da glória, Filho da Virgem Maria. (bis) Quem beijar o São Tomé encoste o joelho no chão. Para receber a benção com a vossa sagrada mão. Refrão: Beijai irmãos, beijai com alegria, Jesus Cristo é o Rei da glória, Filho da Virgem Maria. (bis) Cheguem todos irmãos devotos, cheguem todos a beijar. Glorioso São Tomé, é quem vos quer abençoar. Refrão: Beijai irmãos, beijai com alegria, Jesus Cristo é o Rei da glória, Filho da Virgem Maria. (bis) Já cantamos, já rezamos, estamos tornando a cantar. Com os irmãos devotos, cheguem a beijar. Refrão: Beijai irmãos, beijai com alegria, Jesus Cristo é o Rei da glória, Filho da Virgem Maria. (bis) O que é aquilo que ali vejo, todo coberto de véu? É o Glorioso São Tomé, que vai subindo pro céu. Refrão: Beijai irmãos, beijai com alegria, Jesus Cristo é o Rei da glória, Filho da Virgem Maria. (bis) Cheira cravo e cheira rosa, cheira flor manjerição. Glorioso São Tomé na mesa da

comunhão. Refrão: Beijai irmãos, beijai com alegria, Jesus Cristo é o Rei da glória, Filho da Virgem Maria. (bis) No Altar da Mãe de Deus, tem um cheiro que rescende. Não são cravos e nem são rosas, são as velas que se ascendem [...].

O canto de beijada é entoado sequencialmente ao canto de agradecimento de reza. É o momento destinado aos devotos presentes pedirem ao Santo a benção. Depois de terminados os devotos, o Capitão Folião entoa o verso pedindo a benção para os Foliões, os quais se ajoelham, exceto a Mantenedora do Santo. Esta, por sua vez, espera que seja entoado o verso que faz referência a seu nome e, então, a mesma direciona-se para o altar e também pede a benção.

Considerações finais

Após as descrições acima expostas, é instigante pensar em valorizar as histórias de práticas dos povos afro-brasileiros ou povos tradicionais, como podem ser também chamados, e suas experiências, pois assim, poderão ser um fator determinante para a construção de uma identidade positiva e indelével.

Mesmo que as folias de santo nas comunidades quilombolas tenham expressões favoráveis em grande número e, por muitas pessoas nas comunidades em geral não saberem da grande importância da folia, é preocupante o risco da não continuidade da prática das folias futuramente. Seja pelas sequelas que diretamente infligem aos atores partícipes e testemunhas, ou pelo que contribui para rupturas com a ideia da folia como prática cultural, de preservação de uma cultura que pode ser considerada, quem sabe, até como Patrimônio Cultural Imaterial,²⁰ se levarmos em consideração serem práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas.

Com as ancestralidades vieram as suas divindades, seus modos singulares e diversas visões de mundo, sua alteridade linguística, artística, étnica, técnica, religiosa, cultural, suas diferentes formas de organização social e de simbolização do real. É pela via dessas cruzadas que também é tecida a identidade afro-brasileira no processo dinâmico de interação com o outro, transformam-se e reatualizam-se, continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagens e de expressão coreografando a singularidade e alteridade negras. É possível também ponderar o ritual da folia, ou seja, a folia a São Tomé, uma manifestação religiosa afro-brasileira, fruto do sincretismo entre o catolicismo europeu e expressões da religiosidade africana. Destacando, ainda, que essa construção cultural nasceu do impacto de uma cultura sobre a outra.

Faz-se indispensável ponderar discussões sobre as várias formas de se manifestar culturalmente, posto que, esse entendimento é dado a partir do momento em que todos começam a valorizar o que se tem e o que se é. Para que isso aconteça, é imprescindível

²⁰ Se levarmos em consideração o que o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), baseado em diretrizes da UNESCO (Organização das Nações Unidas), define como Patrimônio Cultural Imaterial como as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural, sendo este transmitido de geração para geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

que haja uma análise da variedade cultural que se cerca, pois essa variedade causa impactos que podem ocasionar a perda de uma identidade, ou a mistura de identidades, o que para a manutenção da originalidade das expressões culturais não seria o melhor caminho a ser percorrido.

O que parecia um caminho difícil de ser trilhado tornou-se uma grande descoberta de conhecimentos que até então estavam somente nas lembranças de pessoas que recordam não com saudosismo, mas de que no tempo em que viveram tais experiências de fé, desfrutaram verdadeiramente de um envolvimento na religiosidade, ocasionando aos poucos a tomarem conhecimento e gosto pelo que era praticado. Certamente também a participar diretamente dos eventos e, posteriormente, tomarem a frente e darem seguimento aos costumes e crenças trazidos por décadas, que expressam sua cultura, suas devoções, união, amor, respeito e, principalmente, vontade de não permitir que tais manifestações culturais se desvairem no tempo, deixando de existir e, assim, perdendo ricos conhecimentos adquiridos em diversos momentos e que podem continuar sendo a identidade cultural de um povo humilde, hospitaleiro, que busca viver na simplicidade, na ajuda ao próximo e na manutenção do que é próprio de suas raízes.

Referências

BASQUES, Messias. Uma antropologia das coisas: etnografia e método. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, vol. 4, n. 1, p. 150-165, jan-jun. 2010.

BOYER, V. Misnaming Social Conflict: ‘Identity’, Land and Family Histories in a Quilombola Community in the Brazilian Amazon. *Journal of Latin American Studies*, vol. 46 n. 3, pp. 527–555. august. 2014.

BRANDÃO, Carlos R. Brandão. *A Folia de Reis de Mossâmedes*. Rio de Janeiro: Cadernos de Folclore, FUNARTE/INF, 1977.

_____, Carlos R. Brandão. *O desencanto do outro: mistério, magia e religião nos estudos do mundo rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

_____, Carlos R. Brandão. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 2ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1986.

_____, Carlos R. Brandão. *Sacerdotes da viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CORRÊA, M. O mato & o asfalto: campos da Antropologia no Brasil. *Sociologia & Antropologia*, v. 01.01, pp. 209-229, 2011.

CUNHA JUNIOR, H. A história africana e os elementos básicos para seu ensino. In: LIMA, Ivan Costa (org.). *Negros e currículo*. Florianópolis: NEN, 1998.

FUNES, Eurípedes Antônio. Comunidades mocambeiras do Trombetas. In: ANDRADE, Lúcia M.M. de; GRUPIONI, Denise Fajardo. *Entre Águas Bravas e Mansas, índios & quilombolas em Oriximiná*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo Iepé, 2015, p. 16-61.

GOMES, Flavio. A “Safe Haven”: Runaway Slaves, Mocambos, and Borders in Colonial Amazonia, Brazil. *Hispanic American Historical Review*, vol. 82 n. 3, pp. 469–499, 2002.

LOPES, Nei. *História e cultura africana e afro-brasileira*. São Paulo: Barsa Planeta,

2008.

LUCAS, Glaura. *Diferentes perspectivas sobre o contexto e o significado do Congado mineiro: Musicas africanas e indígenas no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. *Música e tempo nos rituais do congado mineiro dos Arturos e do Jatobá*. 2005, 330p. Tese (Doutorado em música) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MAFRA, Alessandra. À Sombra do Precursor: Produção e recepção da obra O Negro no Pará, de Vicente Salles. *Tempo E Argumento*, vol. 8 n. 18, p. 317-350, 2016.

MALCHER, Maria Ataíde; MARQUES, Jane Aparecida. *Territórios Quilombolas*. Belém: ITERPA, 2009.

MENDONÇA, Joseli Maria. Escravidão, africanos e afrodescendentes na “cidade mais europeia do Brasil”: identidade, memória e história pública. *Tempos Históricos*, vol. 20 n. 1, pp. 218–241. 2016.

MULLINGS, Leith,. Interrogando el racismo: Hacia una Antropología antirracista. *Revista CS*, vol. 12, pp. 325–375. 2013.

NASCIMENTO, José Pereira do. *Dicionário português-quimbundo*. Huilla: typographia da missão, 1907.

PASSOS, J. & NOGUEIRA, J., Movimento negro, ação política e as transformações sociais no Brasil contemporânea. *Política & Sociedade*, vol. 13, n. 28, pp. 105–124. 2014.

SALLES, Vicente. *O negro no Pará*. Rio de Janeiro: FGV, Belém: UFPA, 1971.

SAMPAIO, Patrícia M. (org.). *O fim do silêncio – presença negra na Amazônia*. Belém: Açaí/CNPq, 2011.

SANTOS, Daiana. Atlântico negro: el oceano en la narrativa de esclavizados. *Acta Literaria*, vol. 54, p.29. 2017.

TALL, Kadya,. Os que voltaram. A história dos retornados afrobrasileiros na África Ocidental no século XIX. *Lusotopie*, vol. 16 n. 2, pp. 279–281. 2009.

TAVARES, Leandro de Castro. *A Folia de São Tomé como traço étnico da cultura afrobrasileira em Óbidos/PA*. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati-PR.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado - História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Fontes primárias

Acervos digitais. CCPA – Centro Cultural Povos da Amazônia/ CENDAP – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia: *Jornal Estrela do Amazonas*, Cidade da Barra do Rio Negro, 18 jul. 1854. Disponível em: <jornais.cultura.am.gov.br/>.

Jornal Baixo Amazonas, 08 jan. 1876 e 22 jan. 1876. Arquivo particular de João Santos.